

Filha/Esposa/Mãe: o projeto de mulher em Nísia Floresta
Daughter/Wife/Mother: the project of woman in Nísia Floresta

Adriano Elias¹
Geraldo Gonçalves de Lima²

Resumo

Dionísia Gonçalves Pinto é considerada a primeira autora feminista brasileira produziu diversos tratados sobre a condição feminina voltados para o estabelecimento da estrutura para a reconstrução moral e social da sociedade brasileira. Partiu-se da pergunta “Qual o projeto de mulher para Nísia Floresta?”, tendo-se como objetivo compreender o projeto de mulher desenhado pela autora em seus textos. Optou-se, metodologicamente, por uma abordagem qualitativa realizada por meio de pesquisa bibliográfica com base em análise documental de fontes diretas, a saber, os textos *Opúsculo Humanitário* (1853), *Fany ou o Modelo de Donzelas* (1847) e *Woman* (1867), e fontes indiretas com base nos trabalhos que debatem a produção da autora. Após abordar a cronologia de vida e obra de Nísia Floresta, analisou-se o projeto de mulher defendido pela autora e baseado na tríade filha/esposa/mãe. Pouco da discussão feita pela autora é destinada ao papel de filha. Como filha, cabia à mulher a devoção aos pais, aos irmãos e aos “prazeres domésticos”. O interesse, nas discussões de Nísia Floresta, foi dedicado à construção dos papéis de mãe e mulher, respectivamente, como modeladoras do homem na infância e na idade adulta. Percebe-se, neste, a idealização como educadora de filhos e regeneradora do homem, possível influência do positivismo de Comte. A aproximação ao positivismo possivelmente impediu o pensamento de Nísia Floresta de avançar no que tange à ampliação do papel da mulher. Valendo-se dos instrumentos disponíveis e permitidos à sua época, a autora pode ser considerada uma feminista relevante por avançar nas discussões sobre dignidade e respeito social das mulheres, especialmente na discussão da educação feminina.

Palavras-chave: Educação; Nísia Floresta; Mulheres.

Abstract

Dionísia Gonçalves Pinto is considered the first Brazilian feminist author, producing several treatises on the female condition aimed at establishing the framework for the moral and social reconstruction of Brazilian society. This study began with the question: “What is Nísia Floresta’s project of woman?” with the objective of understanding the model of woman

¹ Mestre em Administração pela Universidade de Uberlândia (UFU). Doutorando em Educação Tecnológica pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo (IFTM) *Campus* Uberaba. Administrador no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro (IFTM) *Campus* Uberaba Parque Tecnológico. Avenida Dr. Florestan Fernandes, 131 - Univerdecidade, Uberaba-MG, 38064-190. 34 3326 1412. adriano@iftm.edu.br.

² Doutor em Educação Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professor Titular da Carreira de Magistério do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (PEBTT) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFTM) *Campus* Uberaba. Rua João Batista Ribeiro, 4000 - Distrito Industrial II, Uberaba-MG, 38064-790. Uberaba/MG. 34 3319 6057. geraldolima@iftm.edu.br.

outlined in her writings. Methodologically, a qualitative approach was adopted through bibliographic research based on documentary analysis of primary sources - namely the texts *Opúsculo Humanitário* (1853), *Fany ou o Modelo de Donzelas* (1847), and *Woman* (1867) - and secondary sources discussing her production. After addressing the chronology of Nísia Floresta's life and work, the study analyzed the project of woman defended by the author, which was based on the triad daughter/wife/mother. Little of the author's discussion was devoted to the role of daughter. As a daughter, the woman was expected to devote herself to her parents, siblings, and "domestic pleasures." Nísia Floresta's main interest lay in constructing the roles of mother and wife, respectively, as shapers of men in childhood and adulthood. In this, one perceives the idealization of women as educators of children and regenerators of men, possibly influenced by Comte's positivism. The approximation to positivism possibly prevented Nísia Floresta's thought from advancing further regarding the expansion of women's roles. Making use of the instruments available and permitted in her time, the author can be considered a relevant feminist for advancing discussions on women's dignity and social respect, especially regarding female education.

Keywords: Education; Nísia Floresta; Women.

1 Introdução

Dionísia Gonçalves Pinto, nascida em 1810 em Papari, Rio Grande do Norte, conhecida pelo pseudônimo Nísia Floresta Brasileira Augusta³ é considerada a primeira autora feminista brasileira, tendo diversas publicações – entre artigos, ensaios, poemas e crônicas – em português, em francês e em italiano. A autora produziu diversos tratados sobre a condição feminina nos quais estabeleceu a estrutura para a reconstrução moral e social da sociedade brasileira (Sharpe-Valadares, 1995). Dentre suas obras, pode-se citar *A lágrima de um Caeté* (1849), *Opúsculo humanitário* (1853), *Itinerário de uma viagem à Alemanha* (1857), *Cintilações de uma alma brasileira* (1859), *Três anos na Itália, seguidos de uma viagem à Grécia* (1864).

Nísia, em sua produção, segundo Margutti (2019), abordou temas diversos como o catolicismo, o feminismo e a educação da mulher, a escravidão, a questão indígena, o republicanismo federalista e o nacionalismo, sendo possível identificar em seu texto influências de François de Salignac de la Mothe Fénélon (1651-1715), Sophia, Mary Wollstonecraft (1759-1797), Jean-Jacques Rousseau (1712–1778), Jules Michelet (1798-1874) e Auguste Comte (1798-1857). Após residir em Pernambuco, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro, Nísia passou grande parte da vida na Europa, instalando-se ora na Itália, ora na França, ora em Portugal, até falecer na cidade francesa de Rouen, em 1885 (Duarte, 2010).

³ “[...] Nísia, como diminutivo de Dionísia; Floresta, para lembrar o sítio onde nascera; Brasileira, para afirmar seu orgulho nacionalista; Augusta, para homenagear o companheiro” (Margutti, 2019, p. 16).

Tendo em vista a riqueza da produção de Nísia, este trabalho optou por se debruçar sobre o projeto de mulher imaginado pela autora. Partiu-se da pergunta “Qual o projeto de mulher para Nísia Floresta?”, tendo-se como objetivo compreender o projeto de mulher desenhado pela autora em seus textos. Optou-se, metodologicamente, por uma abordagem qualitativa realizada por meio de pesquisa bibliográfica com base em análise documental de fontes diretas os textos *Opúsculo Humanitário* (1853), *Fany ou o Modelo de Donzelas* (1847) e *Woman* (1867), e fontes indiretas com base nos trabalhos que debatem a produção da autora.

O presente trabalho se encontra estruturado, além desta Introdução, nas seguintes seções: Nísia Floresta: vida e obra, Filha/Esposa/Mãe: o projeto de mulher em Nísia Floresta, Considerações Finais e Referências.

2 Nísia Floresta: vida e obra

Nascida em 12 de outubro de 1810, no sítio Floresta, em Papari (RN), Dionísia Gonçalves Pinto era filha de um advogado português, Dionísio Gonçalves Pinto Lisboa, e de Antônia Clara Freire. Aos treze anos casou-se com Manuel Alexandre Seabra de Melo. O casamento não durou muito, retornando à casa dos pais. Sobre esta passagem na vida da autora, Farias (2022, p. 5) elucida que

Sair de um casamento, em 1823, demonstra bem a personalidade subversiva de Nísia Floresta, pois nesse período o divórcio era condenado pela Igreja e muito criticado pela sociedade, o casamento era indissolúvel, ou seja, não podia ser desfeito, além disso, a pessoa desquitada; como era chamada a pessoa que se separava; não poderia casar novamente.

Em 1824, a família se mudou para Pernambuco, morando nas cidades de Goiânia, Olinda e Recife. Após o assassinato do pai em 1828, Nísia Floresta conheceu e passou a residir com o acadêmico da Faculdade de Direito Manuel Augusto de Faria Rocha, com quem teve dois filhos: Lívia Augusta de Faria Rocha, companheira de viagens e futura tradutora, nascida em 1830, e Augusto Américo de Faria Rocha, nascido em 1833, após a transferência da residência da família para Porto Alegre (RS) em 1832.

Com a morte de Manuel Augusto, em 1833, a autora se muda novamente, provavelmente devido à eclosão da Revolução Farroupilha no Rio Grande do Sul, para o Rio de Janeiro (RJ), onde inaugura o estabelecimento de ensino Colégio Augusto, em 1838.

Nísia foi, com certeza, uma das primeiras brasileiras a ter um colégio no país. [...] entre as inovações aí reconhecidas, costumam ser lembradas o ensino do latim, do francês, do italiano e do inglês, bem como respectivas gramáticas e literaturas; o estudo da geografia e da história do país; a prática da educação física; e a limitação do número de alunas por turma como forma de garantir a qualidade do ensino. (Duarte, 2010, p. 16-17).

Nísia se estabeleceu em Paris, França, em 1849, sua primeira viagem à Europa. Em 1851, frequentou as conferências do Curso de História Geral da Humanidade, no auditório do Palais Cardinal, ministradas por Auguste Comte, com quem desenvolveria uma grande proximidade. A autora retornou ao Brasil em 1852 e, em 1856, após o encerramento das atividades do Colégio Augusto, voltou à Europa, residindo em Florença, Itália, em 1860 e, posteriormente, em Paris, França, em 1861.

O retorno ao Brasil ocorreu apenas em 1872, residindo no Rio de Janeiro até 1875, quando retornou em definitivo à Europa, estabelecendo-se inicialmente em Lisboa, Portugal, após uma breve estada em Londres, Inglaterra. Em 1878, transferiu sua residência para Rouen e, em seguida, para Bonsecours, ambas na França, onde faleceu em 1885. Apenas em 1953, os restos mortais de Nísia Floresta foram trasladados para o Brasil, sendo novamente sepultados em 1954 em sua cidade natal, rebatizada em sua homenagem.

Durante sua trajetória, Nísia Floresta teve uma produção bastante profícua. “Aliás, esse é um traço da modernidade de Nísia Floresta: sua constante presença na imprensa nacional desde 1830, sempre comentando as questões mais polêmicas da época.” (Duarte, 2010, p. 12). Nesse sentido, Ferreira (2023, p. 34) reforça a importância da autora, especialmente ao se considerar a realidade do séc. XIX, na qual “[...] as mulheres eram destinadas a cuidar do lar e dos filhos e, por isso, ingressar em áreas dominadas por homens foi um grande passo para o movimento feminista no Brasil”.

Em 1832, a autora publicou a primeira edição de *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, assinando-a como Nísia Floresta Brasileira Augusta. Esta obra teria duas novas edições, respectivamente, em 1833 e em 1839. Em 1847, Nísia Floresta publicou 03 novas obras, a saber: *Daciz ou A jovem completa*; *Fany ou o modelo das donzelas* e *Discurso que às suas educandas dirigiu Nísia Floresta Brasileira Augusta*. Em 1849 foi publicado *A Lágrima de um Caeté*; em 1859, *Dedicação de uma amiga*; em 1853, *Opúsculo Humanitário*; e, em 1855, *Páginas de uma vida obscura* e *Passeio ao Aqueduto da Carioca*.

Sobre o pioneirismo da autora ao abordar a realidade do indígena brasileiro, Duarte (2010, p. 12) afirma que:

[...] ela será pioneira, como quando trata do índio brasileiro. No poema intitulado *A lágrima de um caeté*, de 1849, além do posicionamento da autora a respeito do indígena, temos a lusofobia, o elogio da natureza e a exaltação de valores indígenas. A novidade do poema é que ele contém não a visão do índio-herói que luta, presente na maioria dos textos indianistas conhecidos e, sim, o ponto de vista do índio vencido e inconformado com a opressão do branco invasor.

Em 1857, Nísia Floresta publicou, em Paris, *Itinéraire d'un Voyage en Allemagne* e, em 1858, *Consigli a mia figlia*, com tradução da própria autora. Em 1859, a segunda edição de *Consigli a mia figlia*, a primeira edição de *Conseils à ma fille* e de *Scintille d'un' Anima Brasiliana* foram publicados, sendo este último composto de cinco ensaios: *Il Brasile*; *L'Abisso sotto i fiori della civiltà*; *La donna*; *Viaggio magnético* e *Una passeggiata al giardino di Lussemburgo*.

Em 1860, a autora publicou *Le lagrime de un Caeté* e, em 1864, o primeiro volume da edição hoje conhecida de *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce*. Em 1867, foi publicado em Londres, Inglaterra, *Woman*, tradução do ensaio *La dona*. Já em 1871, publicou *Le Brésil* e, em 1872, o segundo volume de *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce*, em Paris, França. Sua última obra, *Fragments d'un ouvrage inédit – Notes biographiques*, foi publicada em 1878, em Paris, França.

Sobre sua produção, Duarte (2010, p. 12) ressalta que “o propósito de formar e modificar consciências perpassa quase todos os livros, que se unem em torno de um projeto coerente e consciente de alterar o quadro ideológico social”

A produção de Nísia Floresta, segundo Duarte (2010), abrange ficção didática e doutrinário, perpassando por diversos gêneros literários – ensaio, novela e crônica – percebendo-se um caráter panfletário e militante – *Opúsculo Humanitário* (1848); teórico-autobiográfico – *Discurso que às suas educandas dirigiu Nísia Floresta Brasileira Augusta* (1847) e *Consigli a mia figlia* (1858); panfletário-biográfico – *L'Abisso sotto i fiori della civiltà* (1859), *La donna* (1859) e *Una passeggiata al giardino di Lussemburgo* (1859); e teórico-narrativo em outros – *Fany ou o modelo das donzelas* (1847).

A produtividade de Nísia Floresta levou a abordagem de diversos temas, sendo o catolicismo considerado como fonte do conservadorismo – e ponto de tensão com suas tendências liberais – que permeia sua obra, o que não a impede de criticar e questionar aspectos desta doutrina (Margutti, 2019). Encontra-se, em seus textos, críticas ao celibato dos padres, ao sacramento da confissão, aos desvios de conduta atribuídos por ela ao clero brasileiro, às Cruzadas, aos abusos da Inquisição e à postura adotada pela Igreja frente às questões indígenas, bem como ao papel da mulher na sociedade.

A autora também aborda a questão da escravidão, podendo ser considerada uma precursora do pensamento decolonial contemporâneo ao denunciar a crueldade e a exploração do pacto colonial (Margutti, 2019). Sua crítica, entretanto, sempre considerou seu público conservador e, mesmo ao denunciar este problema brasileiro, o faz concomitantemente com a apresentação de um Brasil possuidor de um brilhante futuro como elemento motivador para imigração europeia ao país. Para Nísia Floresta, o problema gerado pela escravidão se resolveria com o branqueamento da população.

Outro ponto debatido por ela em seus textos, a questão indígena, foi estruturado mediante denúncia da condição miserável em que se encontrava a população indígena em virtude da colonização. Esta “realidade” foi encarada pela autora como necessidade de civilização do bárbaro e consequente perda da identidade cultural – domesticidade – através da incorporação desses à sociedade. Percebe-se nos textos um contraste entre a idealização dos povos indígenas e o combate à visão europeia da população brasileira como “selvagem” e “morena”.

O nacionalismo e o republicanismo federalista também estavam presentes na obra de Nísia Floresta. O primeiro representado pela apresentação de uma Europa decadente e de um Brasil como país em ascensão, sem, contudo, superar sua visão católica de mundo. A utilização pela autora do enfoque patriótico pode ser também interpretada como meio de romper possíveis resistências às suas ideias advindas do público conservador brasileiro (Margutti, 2019). Com relação à pátria, adotava uma postura pragmática, ou seja, mesmo declarando preferência ao republicanismo federalista, aceitava o regime monárquico de D. Pedro II, na medida em que possibilitasse a convivência entre as diferenças regionais e garantisse a unidade do país (Margutti, 2019).

O projeto de nação pensado por Nísia Floresta conversava com seu projeto de mulher: para a construção da nação em ascensão e com futuro brilhante proposta pela autora, os deveres da maternidade e o papel de guardiã moral e regeneradora do homem atribuídos à mulher eram tidos como essenciais.

Nísia Floresta defendeu a igualdade entre homens e mulheres, colocando-as ao lado dos homens para a regeneração de nações, tendo em vista a virtude da mulher devido ao fato de que “[...] todos nós sabemos que as mulheres sempre tiveram grande influência sobre os homens”⁴ (Augusta, 1995, p. 105, tradução nossa). A autora, entretanto, ressalta:

⁴ “[...] we all know that women have always had great influence with men” (Augusta, 1995, p. 105).

Não a faça a mulher da Bíblia; a mulher do nosso tempo pode ter mais sucesso do que ela; tampouco a mulher da Idade Média: estamos tão distantes de ambas, pois temos de avançar com o século XIX lado a lado com o homem rumo à regeneração das nações⁵ (Augusta, 1995, p. 102, tradução nossa).

Para tal, construiu-se a imagem de mulher baseada na tríade filha/esposa/mãe, posicionando-se a autora entre as propostas liberais mais radicais e as limitações impostas por seu próprio conservadorismo advindo da influência católica sobre Nísia Floresta.

Sharpe (1995) ressalta que a crítica à condição da mulher feita pela autora pautou-se pela falta de educação moral como motivo da opressão feminina à época. Por outro lado, Fernandez (2014) argumenta que a condição de subalternidade conferida à mulher era fruto da ausência de educação formal – científica – a ela oferecida no séc. XIX. Duarte (2010, p. 15), ao abordar o tratamento dado pela autora à educação feminina, reflete que:

A utopia feminista que moveu inúmeras mulheres no século XIX, na Europa e nas Américas, e via a educação como a condição primeira e fundamental para a libertação da mulher, da situação de opressão e de submissão em que se encontrava, também parece ter contaminado a obra de Nísia Floresta.

A própria autora já argumentava sobre a importância da educação da mulher para um futuro grandioso da humanidade.

Temos testemunhado pensadores das nações cultas em harmonizar a educação da mulher com o grandioso porvir que se prepara à humanidade! Nada, porém, ou quase nada temos visto fazer-se para remover os obstáculos que retardam os progressos da educação das nossas mulheres, a fim de que elas possam vencer as trevas que lhes obscurecem a inteligência, e conhecer as doçuras infinitas da vida intelectual, a que têm direito as mulheres de uma nação livre e civilizada. (Floresta, 2019, p. 41)

Educai para isto a mulher, e com ela marchai avante na imensa via do progresso, à glória que leva o renome dos povos à mais remota posteridade! (Floresta, 2019, p. 119)

Matthews (2012) chama a atenção para as discrepâncias perceptíveis na obra de Nísia Floresta, no que tange à mulher, especialmente após a publicação de *Opúsculo Humanitário* (1848), provável reflexo de influências de tendências de pensamentos presentes à época, especialmente do positivismo. Além disso, a própria autora ressalta o afastamento do discurso de igualdade entre homens e mulheres para adotar o da superioridade moral da mulher em

⁵ Do not make her the woman of the Bible; the woman of our time may succeed better than she; neither the woman of the middle ages: we are so far from both, who have to progress with the nineteenth century side by side with man towards the regeneration of nations (Augusta, 1995, p. 102).

relação ao homem: “[...] Floresta começa agora a enfatizar a tendência inata das mulheres para a virtude, em contraste com a necessidade de aprendê-la, ou seja, sua superioridade moral natural, tal como identificada por Comte”⁶ (Matthews, 2012, p. 72, tradução nossa).

Almeida e Dias (2009) lembram que, mesmo não se tratando de um projeto propriamente emancipador da mulher, o pensamento da autora estava em consonância com a percepção de manutenção da família e da educação dos filhos com objetivo claro de crescimento e fortalecimento da nação.

Estas autoras ainda destacam a influência da autora na prática educacional já no séc. XIX, responsável pela emancipação feminina pelo conhecimento em contraste com valorização das dimensões esposa e mãe focada na construção de uma imagem feminina dócil, fraca, meiga e dependente.

Para entendermos o sentido das denúncias e reivindicações de Nísia Floresta é importante relembrar as condições em que viviam as mulheres no século XIX: fundamentalmente num contexto de reclusão, em que a casa era o espaço de vivência e convivência. Eram educadas para o casamento, a maternidade e o respeito e aquiescência aos pais e maridos. (Almeida; Dias, 2009, p. 13)

Nísia Floresta pregava a educação – moral, religiosa e intelectual científica – como elemento de formação de “matronas esclarecidas” aptas a desenvolverem seus papéis na construção do Brasil imaginado pela autora. “O progresso social de uma nação depende do grau de emancipação feminina e do lugar reservado às mulheres na sociedade” (Duarte, 2010, p. 19). Nas palavras da autora, “[...] jamais terão êxito em curar as feridas gangrenadas da sociedade, se continuarem negligenciando a educação moral do povo”⁷ (Augusta, 1995, p. 101, tradução nossa).

Margutti (2019) aponta que, apesar de uma conduta rebelde em vida e uma produção aquém desta rebeldia, não se pode argumentar sobre a importância da autora, considerada uma “feminista combativa” (Margutti, 2019, p. 233) que, apesar do contexto sociocultural brasileiro do séc. XIX, foi capaz de defender suas ideias com os instrumentos até então disponíveis.

Nesse sentido, é importante ressaltar que Nísia Floresta foi professora e escritora em um tempo altamente patriarcal. Pode-se considerar a autora essencial na discussão em favor de mudanças radicais e profundas para sua época. Acreditar na necessidade de educação feminina a tornou alvo de ataques, levando-a a adotar pseudônimos na assinatura de suas obras, e, ao

⁶ “Floresta now begins to emphasise women’s innate tendency to virtue, as opposed to their need to learn it, that is to say, their natural moral superiority as identified by Comte” (Matthews, 2012, p. 72).

⁷ “[...] never will they succeed in healing the cankered wounds of society, if they go on neglecting the moral education of the people” (Augusta, 1995, p. 101).

mesmo tempo, marco importante nas discussões que atualmente são feitas sobre feminismo e educação.

3 Filha/Esposa/Mãe: o projeto de mulher em Nísia Floresta

Como dito, parte da produção de Nísia Floresta se voltou ao papel da mulher na sociedade. Sua produção se centrou, em grande parte, na discussão sobre a mulher e a educação feminina, balanceando “[...] de um lado, as propostas liberais mais radicais de Poulain/Sophia e, de outro, as limitações impostas pela parte conservadora de seu catolicismo liberalizante” (Margutti, 2019, p. 242).

Ao discutir a influência de Mary Wollstonecraft (1759-1797) sobre a autora, Margutti (2019) lembra ser a inglesa mais reformista do que a brasileira, pois, enquanto a primeira se voltou à defesa da “liberação da mulher” (p. 275), a segunda estava buscando “a melhoria da educação da mulher” (p.275)

Para Nísia Floresta, a educação destinada às mulheres – balizada pela moral e pela religião – era fator crucial para o desenvolvimento da sociedade (Duarte, 2010).

“É uma verdade incontestável que a educação da mulher muita influência teve sempre sobre a moralidade dos povos, e que o lugar, que ela ocupa entre eles é o barômetro que indica os progressos de sua civilização” (Floresta, 2019, p. 22).

“A religião é a cadeia indestrutível que liga a mulher a seus deveres, a coroa mais preciosa que lhe cinge a fronte” (Floresta, 2019, p. 101).

Matthews (2012) ressalta que se encontra em *Opúsculo Humanitário* (1848) as primeiras linhas sobre o pensamento de Nísia Floresta acerca do papel doméstico da mulher como esposa e, especialmente, mãe, além da defesa da educação como elemento facilitador do cumprimento de ambos os papéis e do aprimoramento do comportamento da mulher em benefício e interesse da sociedade como um todo.

Percebe-se a defesa principal das dimensões esposa e mãe “[...] alçadas à categoria de “santas”, uma vez que lhes cabe a “divina” missão de serem as guardiãs privilegiadas da família” (Duarte, 2010, p.20). Ao discutir a influência sofrida pela autora de François de Salignac de la Mothe Fénélon (1651-1715), Margutti (2019, p. 148) reforça a percepção dessas dimensões:

Os deveres de uma mulher envolvem a educação dos filhos homens até certa idade, a educação das filhas mulheres até que se casem ou se tornem religiosas, a conduta dos

empregados domésticos, o controle da despesa e a administração econômica do lar, aí incluídos os contratos de locação e o recebimento de rendas.

Margutti (2019) chama a atenção para a posição de Nísia Floresta sobre o espaço de atuação da mulher na sociedade: o autor argumenta que a exclusão das mulheres de atuação na vida pública não se deu pela crença da incapacidade intelectual feminina, mas sim pela idealização da autora em seu projeto de mulher, a saber: educadora de filhos e regeneradora do homem.

Infeliz Catão! Pensando assim da mulher, bem longe estavas de prever o leito de desesperação, que em Útica te preparavam os profundos desgostos causados pelos ambiciosos, inimigos de teus austeros princípios, a quem, como a ti, faltaram desde a infância esses anjos de paz, que tão salutar poder exerceram sobre os destinos dos homens, se os homens soubessem compreender bem sua grande missão na sociedade! (Floresta, 2019, p.21)

Em *Woman* (1865), a autora se vale da narrativa sobre os costumes atribuídos às mulheres francesas do séc. XIX para criticar o comportamento superficial e mundano delas e apresentar suas percepções sobre a mulher ideal e suas dimensões – filha, esposa e mãe.

Filha, esposa, mãe! Essa tríade sublime que tu és, ó mulher, e que representas no mundo. Santifica-a honrando cada um desses belos títulos pela prática da mais elevada virtude, que nos leva a transformar em bem para os outros todo o bem que fazemos⁸ (Augusta, 1995, p. 108, tradução nossa).

Contudo, percebe-se que pouco da discussão feita por Nísia Floresta é destinada ao papel de filha. A autora ainda reforçou a importância do amor, respeito e obediência como dever sagrado da filha para seus pais e a família, defendendo o que Matthews (2019) define como um papel passivo e incondicional ao poder e à influência exercidos pelos pais, resumindo não apenas esta dimensão ao apagamento social como também ao forte impacto do catolicismo em seus textos.

Filha! Ama e respeita teus pais, não como uma forma de obediência comum, mas como um dever sagrado, doce em sua prática para com os protetores amorosos de nossa infância, os guias vigilantes de nossos primeiros passos na vida, para os quais nunca teremos cuidado e afeto suficientes que nos permitam retribuir tudo o que fizeram por nós⁹ (Augusta, 1995, p. 108, tradução nossa).

⁸ Daughter, wife, mother! That sublime triad you are, O woman, and you represent it in the world. Sanctify it in honouring each of those beautiful titles by the practice of the highest virtue, which make s us turn to the welfare of others all the good we do (Augusta, 1995, p. 108).

⁹ Daughter! Love and respect your parents, not as a form of common obedience, but as a sacred duty, sweet in performance towards the loving protectors of our childhood, the watchful guides of our first steps in life, for

Em *Fany ou o modelo das donzelas* (1847), obra concebida para as estudantes do Colégio Augusto e localizada no Rio Grande do Sul, durante do início da Revolução Farroupilha, a autora relatou os acontecimentos pelo olhar de Fany. A jovem, virtuosa de uma família abastada, acreditava que “[...] a obediência filial e desempenho exato dos deveres de uma donzela eram leis que Deus escrevera no coração dela [...]” (Floresta, 2023, p. 11).

Abstrai-se, pela leitura do texto, que a principal atuação da mulher enquanto filha é ser útil aos pais, cabendo-lhe a direção da casa sob coordenação da mãe:

Que quadro interessante ela participava quando, voltando do colégio, colocava os livros de lado e, rodeada de seus irmãozinhos, ocupava-se em pensar ela mesma nos mais pequenos, poupando à sua boa mãe o peso dos trabalhos domésticos que, longe de desdenhar, sabia ser a prática deles, reunida a outras qualidades, que poderia conferir à mulher o nobre título de boa mãe de família! (Floresta, 2023, p. 12).

Enquanto filha, a mulher deveria se dedicar exclusivamente à família, virtude desenvolvida mediante sua anulação frente à unidade familiar, angariando o respeito dos demais.

Foi então que Fany desenvolveu todas as virtudes de seu sexo com graça: animava com doces carícias a mãe abatida, cuidava dos irmãos, prestava socorro aos que caíam feridos a seus pés, rompendo suas roupas para estancar o sangue que corria de suas feridas e impondo um religioso respeito aos soldados, que a contemplavam tão bela e tão jovem no meio deles! (Floresta, 2013, p. 16).

Duarte (2010, p. 57) esclarece que “[...] ao insistir na neutralidade e indiferença de Fany por tudo que acontece à sua volta, a narradora parece estar precisamente firmando aí sua opinião de como deveria ser o comportamento ideal de uma jovem”.

[...] ela teve pretendentes, mas queria viver somente para sua mãe e seus irmãos, ao menos por alguns anos, por isso, renunciou ao casamento e encarou resignada à pobreza e o desdém de um povo, cuja causa seu pai não havia seguido. (Floresta, 2023, p. 16).

Segundo a visão da autora, percebe-se uma transição natural das dimensões da mulher na família e na sociedade, cerne defendido por ela quando tratou da educação feminina. Como filha, cabia à mulher a devoção aos pais, aos irmãos e aos “prazeres domésticos”, conduta que lhe renderia admiração e respeito na sociedade.

whom we cannot have care and affection enough o acquit us of the much they have done for us (Augusta, 1995, p. 108).

Fany era de uma das principais famílias daquele local e, por consequência, achou-se de posse de todos os bens que pertencem agora à sua mãe, da meia pensão de seu pai e, o que é mais, da estima geral de um povo, que valoriza as suas virtudes, e entre o qual ela vive hoje aproveitando dos mais puros prazeres domésticos, rodeada de sua família, ocupada da educação de seus irmãozinhos a quem ama demais (Floresta, 2023, p. 17).

Pode-se argumentar que, conforme Matthews (2012) ressalta, uma vez absorvido o discurso de regeneração do homem e da sociedade, a passividade inerente à filha deixa de ser o interesse das discussões de Nísia Floresta, que passou a se dedicar à construção dos papéis de mãe e mulher, respectivamente, como modeladoras do homem na infância e na idade adulta. De filha, enquanto menina, passar-se-ia a mulher para as funções de esposa e mãe. Era subentendido que a mulher, de acordo com sua trajetória na sociedade e na família, assumiria as responsabilidades destas dimensões.

À mulher que já o fosse, cabia-lhe assumir as responsabilidades inerentes a tal função. Ela deve: amamentar, criar com desvelo, educar nos princípios morais, vigiar a filha todo o tempo, ser um modelo de virtudes, e, ainda, ser mestra e preceptora, a responsável pela instrução completa dos filhos. Em última instância, ser única e exclusivamente mãe (Duarte, 2010, p. 36).

Matthews (2012) destaca a defesa que Nísia Floresta faz do papel da mulher como esposa no casamento, atribuindo a ela a responsabilidade pelo sucesso ou fracasso dessa relação. Contudo, o autor esclarece que se trata de um poder superficial, pois se restringe ao melhoramento do homem em detrimento dos interesses e da autonomia da mulher. Pode-se inferir que a autora reduz a dimensão esposa apenas para a atuação junto ao cerne da família e da casa, negando as vontades e os desejos das mulheres, cuja existência deveria se resumir à devoção ao marido, como exemplifica a citação: “Esposa! Mantém sem mácula a fé jurada ao homem da tua escolha”¹⁰ (Augusta, 1995, p. 108, tradução nossa). Cabia à mulher o papel de regenerar o homem de seus vícios e fraquezas, buscando sempre o essencial para um matrimônio duradouro e imutável.

Cabe a vocês, mulheres, que possuem todo o tesouro de sentimentos ternos e bondosos, e além disso aquele discernimento requintado, aquela delicadeza de penetração, de que a natureza foi mais liberal convosco do que com o homem; cabe a vocês saber aproveitar o tempo e o lugar para preservar a dignidade na submissão e a autoridade na obediência¹¹ (Augusta, 1995, p. 109, tradução nossa).

¹⁰ “Wife! Keep unspotted your sworn faith to the man of your choice” (Augusta, 1995, p. 108).

¹¹ It is for you, women, you who possess all the treasure of tender and kindly feelings, and have besides that exquisite discernment, that refinement of penetration, of which nature has been more liberal to you than to man;

Para Matthews (2012), à mulher, em Nísia Floresta, eram atribuídos os papéis de produtora e influenciadora de cidadãos, sendo mãe a mais nobre e alta das dimensões da mulher, como se percebe no trecho abaixo.

Mãe! Este, mulher, é ao mesmo tempo o teu caráter mais doce, mais nobre e mais elevado. Ser mãe, no sentido moral, não é apenas ter filhos, mas saber educá-los bem, esforçando-se por abrir seus corações para o bem, orientando suas inclinações dignas e dedicando toda a assiduidade e cuidado a essas pequenas mudas que o Ser Supremo te confiou, removendo com zelo as ervas daninhas do mau crescimento ao redor delas¹² (Augusta, 1995, p. 109, tradução nossa).

A autora ainda definiu ações pertinentes à mulher no desempenho da dimensão mãe, em especial seu papel na criação e educação dos filhos, sendo, como destaca Matthews (2012), uma de suas principais atribuições.

Sê uma boa mãe; começa por não confiar teus filhos a ninguém além de ti mesma; forma seus corações para serem ternos sem fraqueza, com uma compreensão sólida livre de orgulho, e imbuída de uma crença sincera, fervorosa e esclarecida. Quando a sociedade estiver bem ordenada, a mãe será a única guia e mestra de seus próprios filhos até a idade em que sua própria razão estiver formada¹³ (Augusta, 1995, p. 111, tradução nossa).

A importância dada ao papel de mestra e de preceptora atribuído à mulher mãe, enquanto regeneradora da humanidade, é percebida claramente no trecho abaixo.

A caridade era uma de suas principais virtudes, muito porque sua mãe tinha, ainda em sua infância, lhe dado o maior exemplo, por isso sua bondade se destacava ainda mais quando ajudava alguém em sofrimento (Floresta, 2023, p. 14).

Antes de avançar na discussão, é interessante e pertinente lembrar que, apesar da posição abolicionista em Nísia Floresta, a defesa do papel da mulher, especialmente como mãe, não se estende às escravas. Estas, juntamente com seus filhos, encontram-se excluídas do projeto de

it is for you to know how to take advantage of time and place to preserve dignity in submission and authority in obedience (Augusta, 1995, p. 109).

¹² Mother! This, woman, is at once your sweetest, noblest and highest character. To be a mother, in the moral sense, is, not the having children, but the knowing how to educate them well, and endeavouring to open their hearts to the good, directing their worthy inclinations and bestowing all assiduity and care on those little saplings which the Supreme Being hath entrusted to you, and anxiously removing the weeds of ill growth around them (Augusta, 1995, p. 109).

¹³ Be a good mother; begin by trusting your children to no one but yourself; train their hearts to be tender without weakness, with a solid understanding free from pride, and imbued with a sincere belief, fervent and enlightened. When society shall be well ordered, the mother will be the only guide and master of her own children up to the age when their own reason is formed (Augusta, 1995, p. 111).

nação brasileira pensado pela autora. Esse projeto se sustentava na defesa da convergência em torno de um projeto comum de automelhoramento atribuído às mulheres, no qual se priorizava não apenas a família, mas também a humanidade como um todo, negando a individualidade da mulher em nome do bem-estar do outro (Duarte, 2010).

Mãe escrava está firmemente excluída da sua visão de maternidade universal. Por extensão, ela e sua descendência também estão excluídas da nação brasileira que a maternidade patriótica produz [...]. No contexto brasileiro, a mulher negra escravizada não recebe a oportunidade de ser natural ou patriótica, pois não é reconhecida como mãe¹⁴ (Matthews, 2012, p. 84, tradução nossa).

Outro ponto passível de argumentação é a possível influência de Auguste Comte (1798-1857) na produção da autora, sendo, para Margutti (2019), a mais marcante percebida no que tange ao seu projeto de mulher, encarada como guardiã do lar e regeneradora do marido, atribuições ligadas à tríade filha/esposa/mãe: “[...] a mãe, a esposa e a filha devem, em nosso culto, como na existência que ele idealiza, desenvolver respectivamente em nós a veneração, o apego e a bondade” (Comte, 1978, p. 556). Esta mesma influência é apontada por Matthews (2012) ao discorrer sobre a transição da preocupação da educação feminina presente em *Opúsculo Humanitário* (1848) para a defesa da importância dos valores da mulher para os valores sociais como guardiã moral e regeneradora do homem.

Nesse sentido, Margutti (2019), corroborando Matthews (2012), defende que o que mais atraiu Nísia Floresta em Comte foi este papel regenerador atribuído pelo positivismo à mulher, enquanto Karawejczyk (2010) ressalta tanto o destaque dado à mulher quanto à educação feminina nessa doutrina.

Castro (2010) argumenta que há uma diferença entre a concepção de Nísia Floresta e de Auguste Comte em seus respectivos projetos. Enquanto este restringe-a ao ambiente doméstico atribuindo-lhe uma conotação de divindade, aquela buscava, além do acesso à educação, a valorização e o respeito para as mulheres. Apesar de garantir à mulher o centro da doutrina positivista – sendo responsáveis pela disseminação desta –, sua atuação era mantida restrita ao seio familiar, pesando-lhe a atribuição de educar os filhos e mudar o homem tendo em vista sua natureza altruísta e divina (Menezes, 2022).

É possível identificar dois papéis básicos no centro da visão de Floresta sobre a feminilidade: os deveres da maternidade, em particular a noção da mãe-educadora, e

¹⁴ Slavemother are firmly excluded from her vision of universal motherhood. By extension they, and their offsprings, are also excluded from the Brazilian nation which patriotic motherhood produces [...] In the Brazilian context the black slave woman is not given the chance to be natural or patriotic for she is not recognised as a fellow mother (Matthews, 2012, p. 84).

o papel de guardiã moral e regeneradora dos homens¹⁵ (Matthews, 2012, p. 65, tradução nossa).

Mesmo assim, esta atribuição de valor dada à mulher no positivismo, segundo Farias (2022), teria sido suficiente para atrair a autora, especialmente por permitir algum tipo de instrução às mulheres, mesmo que não houvesse “[...] uma emancipação do ambiente doméstico” (Dias; Queiroz, 2017, p. 165). A aproximação ao positivismo com a defesa da ampliação da educação feminina, repercutiu também na limitação aos domínios domésticos, possivelmente impedindo o pensamento de Nísia Floresta de avançar no que tange à ampliação do papel da mulher.

Matthews (2012) argumenta que a dupla articulação do discurso de Nísia Floresta, que define a mulher como guardiã moral e mãe-educadora, impossibilitou a consideração de trabalho feminino fora do ambiente doméstico. Apesar da simpatia em relação à necessidade deste trabalho feminino presente nas classes mais baixas, não se encontram indícios no trabalho da autora de encorajamento para tal, podendo-se alegar a inviabilidade em seus textos desta realidade. Resta clara a dificuldade, segundo esta autora, de conciliação da visão de Nísia Floresta sobre a condição feminina com a imagem de um Brasil civilizado branco e de classe média presente em seu projeto patriótico de sociedade.

[...] o único espaço agora legitimado para as mulheres de todas as classes é o lar [...] o trabalho feminino entra em conflito irreconciliável com o papel regenerador da mulher, tal como construído por Floresta, desempenhado por meio da família e do lar¹⁶ (Matthews, 2012, p. 86, tradução nossa).

Menezes (2022) alerta que, apesar de ser possível a influência do positivismo no pensamento de Nísia Floresta, é necessário entender que ela foi influenciada por diversos conceitos de seu tempo. Posicionando-se juntamente aos ensinamentos adquiridos do positivismo, pode-se identificar, na obra da autora, de acordo com Matthews (2012), não apenas a repetição do pensamento comtiano de laços familiares como paradigma para a união social, mas também das percepções de sua época e da construção social presente no Iluminismo. Nesse sentido, Margutti (2019, p. 331) defende a hipótese de que “[...] o “verniz positivista” de Nísia era de fato um “verniz feneloniano” que ela e Comte possuíam em comum”.

¹⁵ It's possible to identify two basic roles at the heart of Floresta's vision of womanhood: the duties of motherhood, in particular the notion of the mother-educator, and the role of moral guardian and regenerator of men (Matthews, 2012, p. 65).

¹⁶ [...] the only space now endorsed for women of all classes is the home [...] female employment conflicts irreconcilably with women's regenerative role, as constructed by Floresta, enacted through the family and home (Matthews, 2012, p. 86).

4 Considerações Finais

O presente estudo buscou compreender, dentre os diversos aspectos da produção de Nísia Floresta, o entendimento da autora acerca de seu projeto de mulher a partir de uma pesquisa bibliográfica com base em análise dos textos *Opúsculo Humanitário* (1853), *Fany ou o Modelo de Donzelas* (1847) e *Woman* (1867), e de trabalhos que debatem a produção da autora.

Inicialmente, percebe-se que a autora teve uma trajetória marcada por conflitos e posturas rebeldes. Estas, entretanto, não se refletem em seus textos, nos quais predomina a adoção gradual de uma postura mais conservadora.

Discutindo temas diversos como educação das mulheres, da escravidão, da situação dos indígenas, do republicanismo federalista e da posição do Brasil diante da Europa, vê-se na obra de Nísia Floresta a relevância de sua produção ao se encontrar presente no centro do debate intelectual tanto brasileiro quanto europeu.

Valendo-se dos instrumentos disponíveis e permitidos pelo contexto cultural brasileiro do séc. XIX, a autora defendeu seus ideais, podendo ser considerada uma feminista combativa relevante para sua época por avançar nas discussões sobre dignidade e respeito social das mulheres, especialmente na discussão da educação feminina, tida como emancipadora da condição de submissão em que se encontravam, pensada para o melhor das dimensões atribuídas à mulher, a saber: filha, esposa e mãe.

Certamente, há limitações no pensamento de Nísia Floresta. A adoção das dimensões filha/esposa/mãe em seus escritos aproximou-a não apenas do positivismo, mas também dos demais discursos contemporâneos à sua época, denunciando o conservadorismo presente em sua obra. Essa perspectiva limitou as mulheres a atribuições centradas na família e na figura masculina, em prol de um projeto nacionalista de reconstrução que relegou a mulher à condição de, principalmente, mãe-educadora e regeneradora do homem e da sociedade.

Ao avançar, em seus textos, na defesa das “virtudes naturais” da mulher, a autora acabou por justificar o enclausuramento doméstico e a abdicação da autonomia feminina. Essa postura submeteu seu pensamento à uma lógica moralizadora diante da família, contribuindo diretamente para a construção e a consolidação da “mística feminina”, caracterizada pelo conservadorismo enraizado na sociedade à época.

Mesmo assim, é inegável a referência de Nísia Floresta nas discussões sobre educação do gênero feminino em uma abordagem emancipadora, de modo a proporcionar condições necessárias para o fortalecimento de sua autonomia e garantia de realização de seus interesses.

Referências

ALMEIDA, Cleide Rita Silverio de; DIAS, Elaine Teresinha Dal Mas. Nísia Floresta: o conhecimento como fonte de emancipação e a formação da cidadania feminina. **Revista Historia de la Educación Latinoamericana**, Boyacá, Colômbia, v. 13, p. 11-27, 2009. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=86912384002>. Acesso em: 17 fev. 2025.

AUGUSTA, F. Brasileira. Woman. Translated from the italian by Livia A. de Faria. London, 1865. Appendix with notes by Peggy Sharpe. In: SHARPE, Peggy. Nisia Floresta: woman: ensaio. **A Journal of Brazilian Literature**, [S. l.], v. 8, n. 14, p. 83-120, 1995. p. 91-120. Disponível em: <https://repository.library.brown.edu/studio/item/bdr:918626/>. Acesso em: 17 fev. 2025.

CASTRO, Luciana Martins. A contribuição de Nísia Floresta para a educação feminina: pioneirismo no Rio de Janeiro oitocentista. **Outros Tempos**, [S. l.], v. 7, n. 10, dez. 2010. Disponível em: https://www.outrostempos.uema.br/index.php/outros_tempos_uema/article/view/108. Acesso em: 18 fev. 2025.

COMTE, Auguste. **Curso de filosofia positiva; Discurso sobre o espírito positivo; Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo; Catecismo positivista**. Traduções de José Arthur Giannotti e Miguel Lemos. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores).

DIAS, Luma Pinheiro; QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. Quando projetos se encontram: a mulher entre Augusto Comte e Nísia Floresta. **REVHIST - Revista de História da UEG**, Porangatu, v. 6, n. 1, p. 162-183, jan./jul. 2017. Disponível em: www.revista.ueg.br/index.php/revistahistoria/article/view/5762. Acesso em: 18 fev. 2025.

DUARTE, Constância Lima. **Nísia Floresta**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Editora Massangana, 2010.

FARIAS, Gabryella de Souza da Cunha. **Nísia Floresta: a relação entre o feminismo e o positivismo**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Centro de Humanidades, Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2022.

FERREIRA, Milena Bruno. As representações do feminino através das obras *Opúsculo Humanitário* e *Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens*, de Nísia Floresta. In: MENDES, Algemira de Macêdo; OLIVEIRA, Geovana Quinalha de; ARF, Lucilene Machado Garcia (org.). **A escrita de autoria feminina: memória, resistência e decolonialidade**. Campo Grande: Editora UFMS, 2023. p. 32-45.

FERNANDEZ, Brena Paula Magno. Educação e trabalho femininos no Brasil do século XIX segundo o feminismo de Nísia Floresta (1810-1885): o que mudou no século XXI? In:

ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA POLÍTICA, 29., 2024, Marabá. **Anais [...]**. Marabá: SEP, 2024. p. 00-00. Disponível em: https://enep.sep.org.br/uploads/720_1708871363_N%C3%ADsia_Floresta_-_SEP-2024_com_identifica%C3%A7ao_pdf_ide.pdf. Acesso em: 17 fev. 2025.

FLORESTA, Nísia. **Opúsculo humanitário**. Brasília, DF: Senado Federal, 2019.

FLORESTA, Nísia. **Fany ou O Módulo das Donzelas**. Rio de Janeiro: Galuba, 2023.

KARAWCZYK, Mônica. Nísia Floresta e a questão da emancipação feminina pelo viés educacional. **MÉTIS: história & cultura**, v. 9, n. 18, p. 113-126, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/993/1055>. Acessível em: 17 fev. 2025.

MARGUTTI, Paulo. **Nísia Floresta, uma brasileira desconhecida: feminismo, positivismo e outras tendências**. Porto Alegre: Editora Fi, 2019.

MATTHEWS, Charlotte Hammond. **Gender, race and patriotism in the works of Nísia Floresta**. Woodbridge: Tamesis, 2012.

MENEZES, Ana Kelly Cavalcante. **Algumas reflexões acerca da educação e disciplinarização feminina nas obras de Nísia Floresta (1827-1856)**. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022.

SHARPE, Peggy. Nisia Floresta: woman: ensaio. **A Journal of Brazilian Literature**, [S. l.], v. 8, n. 14, p. 83-120, 1995. Disponível em: <https://repository.library.brown.edu/studio/item/bdr:918626/>. Acesso em: 17 fev. 2025.